



**CARTOGRAFIA. TIPOGRAFIA**

O trabalho de Angela Detanico e Rafael Lain elucida o que tem extrema evidência, mas afunda no esquecimento cotidiano: a geografia é a escrita da terra, o seu rastro inteligível e traduzível. Quando pensamos assim, as palavras *cartografia* e *tipografia* se aproximam como num campo magnético; cartas (mapas) e tipos (letras) reaparecem como elementos de um mesmo conjunto sintático, de uma similar *arte de compor*. A sobreposição que Detanico e Lain executam tendo em mãos essas duas artes de compor – a cartografia e a tipografia – é de uma exatidão científica que aparentemente não deixa margem para equívocos ou incorreções. Entretanto, o trabalho é justamente sobre o oposto da precisão: investiga as margens da legibilidade, localiza-se nas bordas incertas dos espaços, dos mapas e das frases.

Antes de ser a imagem icônica por trás da qual se disfarça uma disciplina tão urgente quanto complexa, o mapa sempre foi um relato. O poder discursivo e nada inocente dos mapas é presente tanto nos registros de uma cartografia mítica como nos traços de uma cartografia colonizadora. Assim, são igualmente esforços de enunciação os mapas zoomórficos e antropomórficos, os mapas T-O e os mapas modernos. Longe de um simples arremedo em escala miniaturizada do mundo (um espelho distante), os mapas configuram esse lugar do discurso e da ciência-ficção. Na história da cartografia, a ciência e a ficção colidem num espaço-tela onde se projetam débeis fronteiras entre o real conhecido e o real desmesurado.

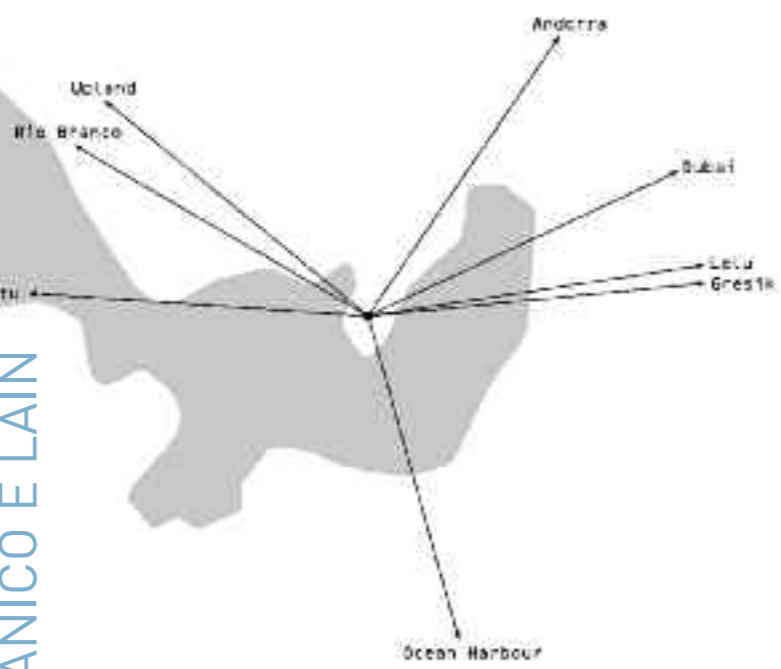
A quantificação do espaço, perseguida pela ciência moderna no sonho da imparcialidade e da verdade convertida em números, é apropriada pelos dois artistas e revertida na produção poético-crítica do espaço. O globo terrestre, distanciado de nós por seu caráter de abstração geométrica, é subitamente tocado ao ser reconhecido e manuseado pelos artistas como instrumento de demarcação da linguagem. Em vez de representação complexa de medições sofisticadas, operadas por cosmonaves e satélites, a cartografia é empregada por eles como instrumento aberto a medições insuspeitadas.

Seus *performative mappings*<sup>1</sup> são extensões engenhosas do poder de enunciação historicamente conferido à cartografia. Escrever com o mapa, quando cada letra toma a fonte/forma de uma faixa do fuso horário, é apenas um momento de possibilidade da *performance* cartográfica proposta. Medição insuspeitada, a atividade da cartografia ambulante proferida em *Zulu Time* (2007) ou em *Um Dado Lugar* (2008) e *Um Dado Tempo* (2008) é o território do redesenho e da constante remontagem de espaços e de tempos, onde a atuação do corpo é o parâmetro matemático sempre impreciso. Nesses mapas-relatos ou poemas em processo, percebemos que o real desmesurado, ameaça tão representada nos mapas de séculos precedentes sob a forma de monstros e deuses, insiste em desafiar qualquer afirmação globalizadora. O real desmesurado é a lacuna persistente que erode toda tentativa de entendimento categórico do mundo.

Os mapas são assim móveis como os corpos, nesse exercício de amplitude violenta da leitura das escalas: o longínquo da cartografia se aproxima e se fixa na paisagem íntima da tipografia. Ao desejo panóptico da situação de observação do cartógrafo, homem invisível, distante e flutuante antes mesmo da resolução do vôo mecânico, é sobreposta a experiência da paisagem. O choque do olhar vertical e do olhar horizontal, a simplificação *versus* a contingência, é a decisão crítica da geografia. Qual a distância apropriada à leitura?

O processo da nossa aproximação às obras dos dois artistas ensaia e sofisticada a decisão geográfica do ponto de vista. De onde podemos ler o trabalho? Como desaprendemos o código? Quantas letras mede um mapa? Quanto tempo leva uma letra? Quantos fusos ocupa uma frase? Os relógios estacionários nos seus respectivos fusos são

OS FUSOS DA FRASE DETANICO E LAIN

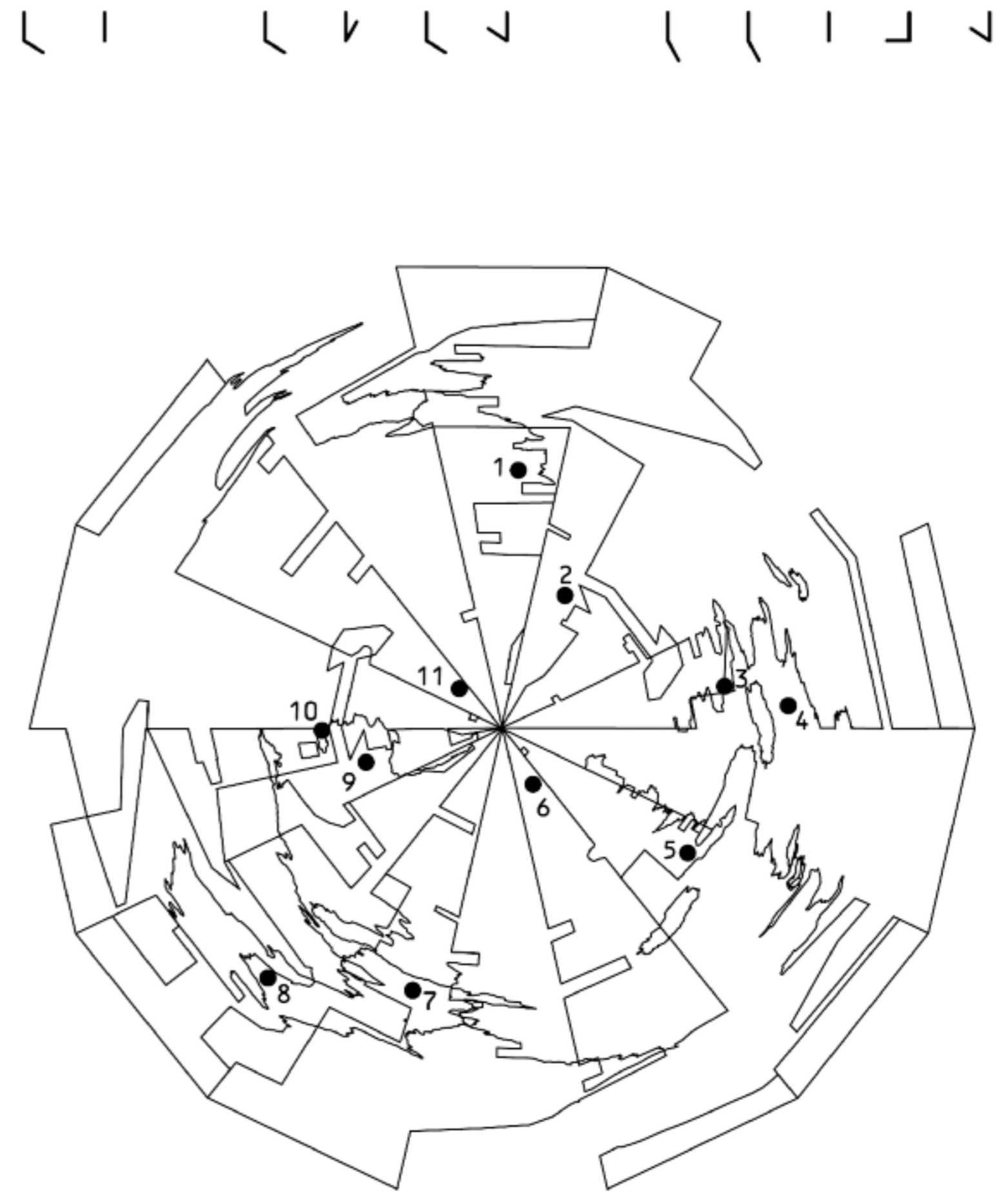


postos a funcionar a serviço da ampliação da aparência da linguagem (ampliação da máquina-*design*...). Angela Detanico e Rafael Lain propõem diretrizes de temporalidade aplicadas ao espaço, ensaio de situações geográficas que permitem a leitura e o cálculo pessoal da distância nos territórios expostos. Protagonizam uma espécie de *semiogeografia* feita de conexões, instantes e espacialidades portáteis, deixando a geografia funcionar como dispositivo cultural e construindo empregos lógicos em vez das inversões, deslocamentos ou substituições dos mapas surrealistas das primeiras décadas do século XX.

A mobilidade concernente a todo mapa, o redesenho contínuo das fronteiras políticas, o seu devir migratório e o seu caráter andarilho cotidianamente enfrentam a contradição da esquematização como processo construtivo da cartografia. Embora um mapa seja a ilusão da totalidade e da estabilidade, a sua sentença condenatória de ser esquema exerce o papel, nas obras de Detanico e Lain, de rede poética: os rastros microscópicos da passagem dos corpos, invisíveis ao olho nu do mapa, são aplicados à própria cartografia num jogo irônico de poder e manipulação. Em *O Mundo Justificado, Alinhado à Esquerda, Centralizado, Alinhado à Direita* (2004), somos ilegíveis na esquematização do texto, mas domesticados no controle organizador de um comando de edição. Aplainados na forma, desafiados pelos clichês da política e editados tal como discurso impresso em papel, somos ampliados na escolha errática (sabemos da profundidade abissal de uma página) e tomamos para nós a experiência da cartografia ambulante por intermédio de um botão.

**MANUAL DE NAVEGAÇÃO: A PAISAGEM**

Por navegação entende-se o ato de operar, controlar, guiar algo ou alguém no trânsito de um lugar a outro. O termo é aplicado a diversos ambientes navegáveis tais como o mar, o ar, a terra ou as redes multimídia. O tempo é matéria da navegação e, junto do espaço, emprega o corpo ou a sua percepção no processo de deslocamento. A navegação pressupõe uma duração, e não simplesmente uma ou mais localizações. Itinerário, fluxo, percurso e rota são os territórios da navegação, onde o corpo dura no espaço e assim pode exercitar o intercâmbio entre realidade e ficção. Esquadrinhando rotas, sejam elas imagéticas ou arquitetônicas, Detanico e Lain reescrevem a relação entre algo ou alguém e o seu trânsito no espaço, navegações de fuga e extravios para a sobrevivência em terra firme.



1	Upland	16:00	3	Dubai	04:00	7	Tepic	17:00
2	Mata-Utu	12:00	4	Andorra	01:00	8	Ekaterinburg	19:00
			5	Dubai	04:00	9	Mata-Utu	12:00
			6	Ocean Harbour	22:00	10	Panamaribo	21:00
						11	Ocean Harbour	22:00

Paralelamente aos mapas, eles fazem aterrissar paisagens. Tais paisagens não constituem quadros de ver, mas movimentos de seguir. Por serem dinâmicas, as paisagens atuam como manuais práticos de navegação em escala 1:1, (des)regulando o nosso traslado na tela do vídeo (paisagem distante) ou na superfície da arquitetura (hiperlocal). A paisagem é, finalmente, a escritura sensória do espaço no corpo. Sujeitos a mecanismos de calibração da percepção no ato do posicionamento relativo do viajante – que, pelo fato de se deixar levar por instruções, se superpõe ao navegante – transitamos entre janelas e águas.

Se as águas constituem um meio instável cujo direcionamento pode ser apenas estimado enquanto a terra é um ambiente fixo onde se pode posicionar e medir lugares com exatidão<sup>2</sup>, o que faz *Flatland* (2003) é inverter supostas verdades científicas. Mundo ao revés, a paisagem da terra é decodificada pelo tempo, no melhor estilo tecnológico da duração. A duração ou profundidade de tempo da matéria<sup>3</sup> continua desafiando a percepção do real mediada pela instantaneidade do aparato técnico (a fotografia e o vídeo). Constelação de paisagens de ficção em cinema lentíssimo, aqui o tempo domina o espaço correndo-o plasticamente. A embarcação de onde filmam é o ponto fixo que vê a terra escorrer. *Flatland* é uma janela artificial que aplica o conceito da paisagem não enquanto natureza, mas como sobrenatural<sup>4</sup>. Toda paisagem é um filtro, um processamento, uma construção através de meios artísticos. Contemplar uma paisagem, em vez de ser um reflexo ótico, é um procedimento cultural e, nesse caso, traduzido tecnologicamente na elasticidade da imagem digital. *Land, landscape*; país, paisagem. Desdobramentos culturais da função utilitária da terra. O sobrenatural do país – que por intermédio do olhar estético se transforma em paisagem – é, contra a sedução do recôndito, uma aproximação ao plano térreo do mundo.

*Maré* (2008) trabalha no limite da experiência de leitura, na qual andar e ler aparecem como vivências fragmentárias da paisagem – imagem decifrável, embora ilegível em sua completude, provocando as convenções da legibilidade na medida do corpo – e inscreve o *site specific* na paisagem modernista. A lagoa artificial e o antigo edifício do cassino constituem o território no qual *Maré* opera. O encontro com Niemeyer se dá alguns anos após *Utopia* (2001), obra em que transformaram as suas arquiteturas imóveis e monumentais em fontes de escrever, manipuláveis letras do alfabeto à maneira da antiga prensa móvel: caixilhos móveis, arquiteturas maiúsculas, fontes combinatórias de discursos utópicos, colocados lado a lado com fragmentos da auto-construção da cidade informal. *Maré* ritmicamente balbucia: umoutroumaposootroemmeioasuccessaode instantes acumulados. A paisagem se transforma em legenda de si mesma, língua na escala do real, coletada no percorrer dos passos visuais no movimento de repetição e diferenciação das janelas da fachada e no caráter de território insular do edifício do museu. *Promenade* verbal, navegação arquitetônica, rebatimento no edifício da lagoa subitamente animada.

#### ONDE ESTÁ JULIET?

O resgate que fazem Angela Detanico e Rafael Lain de *The New American Practical Navigator* investe no que parecia irrelevante no método de navegação: o extravio da letra. Quando o matemático e astrônomo Nathaniel Bowditch soluciona a relatividade temporal do posicionamento na navegação distribuindo as letras do alfabeto pelos 24 segmentos de 15 graus de longitude na esfera terrestre, ele deixa de fora a letra J. Provavelmente devido à ausência de seu som em algumas línguas, a letra J, conhecida como *Juliet* no alfabeto fonético para comunicações por rádio, é personagem da fábula incontada da letra sem zona de tempo próprio, sem segmento terrestre definido. Tal como proposto por Bowditch, isoladas, as letras têm vida autônoma e se disfarçam de território.

Reeditando o *Z-Time* de 1802, os artistas propõem uma nova tradução para a noção do extravio: uma inédita e complexa sintaxe visual para

a fabricação de textos. O mapa transforma-se em placas gráficas planas que são, na medida exata, as letras de Bowditch extraviadas e prontas para escrever, libertadas finalmente da compartimentação confortável do seu segmento terrestre original.

O poema visual sai do plano bidimensional e, como potência, habita a arquitetura. Nesse campo semântico de espacializações, o fenômeno da irradiação da palavra faz encarnar as letras no espaço que é ora arquitetônico, ora geográfico, vai-e-vem entre mapa e paisagem. Notamos aqui vestígios – nada fenomenológicos, é preciso dizer, mas cientificamente constituídos – da poesia concreta brasileira da década de 1950, na qual a palavra é entendida como fato, como campo relacional de funções, palavra “em posição de realismo absoluto”<sup>5</sup>. O extravio é, em *Zulu Time*, a situação inevitável da letra em posição de realismo absoluto.

*La Existencia en Suspenso de las Cosas sin Nombre – Braille Ligado* (2007) é um poema contraditoriamente visual. Louis Braille corrige as células de relevo do *night writing* de Charles Barbier, encomendado por Napoleão para a comunicação silenciosa dos soldados em ambientes sem luz, e dissemina o *blind alphabet*. Em contraposição à aparência artificialmente minimalista, *Braille Ligado* fala pura língua, acendendo a escrita noturna. Mas tal língua é parasitária, pois a sua existência depende do apagamento da possibilidade da leitura feita pelos cegos. Ela nos lembra das existências em suspenso, dos distintos mundos informacionais que co-habitam um mesmo espaço. No desejo da partilha desses mundos minoritários, *Braille Ligado* aponta para as fronteiras, um ex-relevo legível que nega a sua condição tátil (pois está suspenso e inalcançável no teto). Tipografias pluricelulares paradoxais: de longe ou de perto, *outdoor* ou *pocket book*? Os relevos de Louis Braille, a topografia mais íntima, são agigantados e colocados em posição de ilegibilidade enquanto geram um novo mundo legível, conflitando os caminhos de acessibilidade à comunicação.

Ali ao lado, Juliet, a letra desterritorializada, falta quando escrevemos *Jig* (nome com o qual também é conhecida). *In jig time* é uma expressão de marinheiros que significa *fora do tempo*. Uma vez que não participa de *Zulu Time*, podemos imaginar Juliet onde e como quisermos. Dez caixas de papelão, uma sobre a outra, como proposto pelos artistas em *Pilha* (2003)? É esse outro lugar de existências, onde novas palavras corporificam mesmas coisas, o que experimentamos nessa aula de reimersão *in jig time* formulada pelas obras de Angela Detanico e Rafael Lain. Exercício infinito de leitura, empréstimos de escrituras vizinhas, atlas de novas grafias, ciência-ficção projetada por máquinas bélicas de escrever contra a fixidez aterradora do território cotidiano.

#### RENATA MARQUEZ

Professora de Teoria e História da Arte, pesquisadora das interfaces arte-arquitetura-geografia e editora da revista AR. Foi curadora de *Percurso Hipertextuais na História* (FAOP, 2002), CICLO 1 (exposição itinerante, 2004-2005) e *Estórias de Montar* (Palácio das Artes, 2006). Colaborou com os livros *Imagens marginais* (2006), *Saberes ambientais* (2007) e *Subversões da ordem disciplinar* (2008); co-organizou o livro *Espaços colaterais* (2008) e co-editou *Album da intimidade anônima – vol. 3* (2008).

<sup>1</sup> COSGROVE, Denis; MARTINS, Luciana. “Millennial geographics”. In: MINCA, C. (Ed.). *Postmodern geography: theory and praxis*. Oxford/Malden: Blackwell Publishers, 2001.

<sup>2</sup> COOK, A. “Surveying the seas: establishing the sea routes to the East Indies”. In: AKERMAN, J. (Ed.). *Cartographies of travel and navigation*. Chicago/London: The University of Chicago Press, 2006.

<sup>3</sup> RODIN, Auguste. *El arte. Entrevistas recopiladas por Paul Gsell*. Madrid: Editorial Síntesis, 2000.

<sup>4</sup> ROGER, Alain. *Breve tratado del paisaje*. Madrid: Biblioteca Nueva, 2007.

<sup>5</sup> CAMPOS, Augusto de. “Manifesto: poesia concreta”. In: Revista AD, nº 20. São Paulo: nov-dez. 1956.









Z —  
Y —  
X —  
W —  
V —  
U —  
T —  
S —  
R —  
Q —  
P —  
O —  
N —  
M —  
L —  
K —  
J —  
I —  
H —  
G —  
F —  
E —  
D —  
C —  
B —  
A —











Quantas questões uma obra pode suscitar? Quando Leonardo da Vinci escreveu em um de seus cadernos que “arte é coisa mental”, talvez anunciasse precocemente o que estaria por vir nos séculos seguintes. Os trabalhos de A. Detanico e R. Lain reafirmam a independência da arte no campo filosófico – a arte é por si mesma um pensamento. Pensamento que se coloca no tênue limite entre o visível e o invisível e estabelece possibilidades de trânsito entre arte e ciência, entre textos, contextos e linguagens – tipografia, design gráfico, vídeo e arquitetura. Estruturas são desmontadas e remontadas, inquietações gramaticais tecem a forma e a palavra. Que olhos vêem (lêem) que mundo?

Em *Zulu Time* temos a correspondência entre letras do alfabeto e o sistema de fuso horário em que se divide o globo terrestre redesenhando o mundo. Em *Um Dado Lugar* as placas de sinalização apontam para lugares localizados em diferentes fusos horários. Estados de (des)orientação neste constante estado de passagem em que vivemos. As geografias do mundo: fatiado, recortado e reconstruído.

Estamos no mundo da aceleração. O espaço-tempo está comprimido entre a comunicação global e a quebra de barreiras geográficas. Mudar o ponto de vista nessa geografia tensa em que vivemos ao processar novos olhares sobre o mundo. *Um Dado Tempo* nos faz olhar do ponto de vista do pólo sul: relógios indicando a hora em diferentes fusos horários, cada um correspondente às letras que formam a frase “um dado tempo”.

O tempo, essa “sucessão de instantes acumulados” um após o outro, está inserido na obra *Maré*. Construída com camadas de vinil azul sobrepostas, invade as paredes transparentes do museu, possibilitando-nos procurar em um texto o outro e dissolver um texto em outro. Sobrepostas a água da Lagoa da Pampulha, as marés tipográficas oscilam, sobem e descem, originando o texto que escorre.

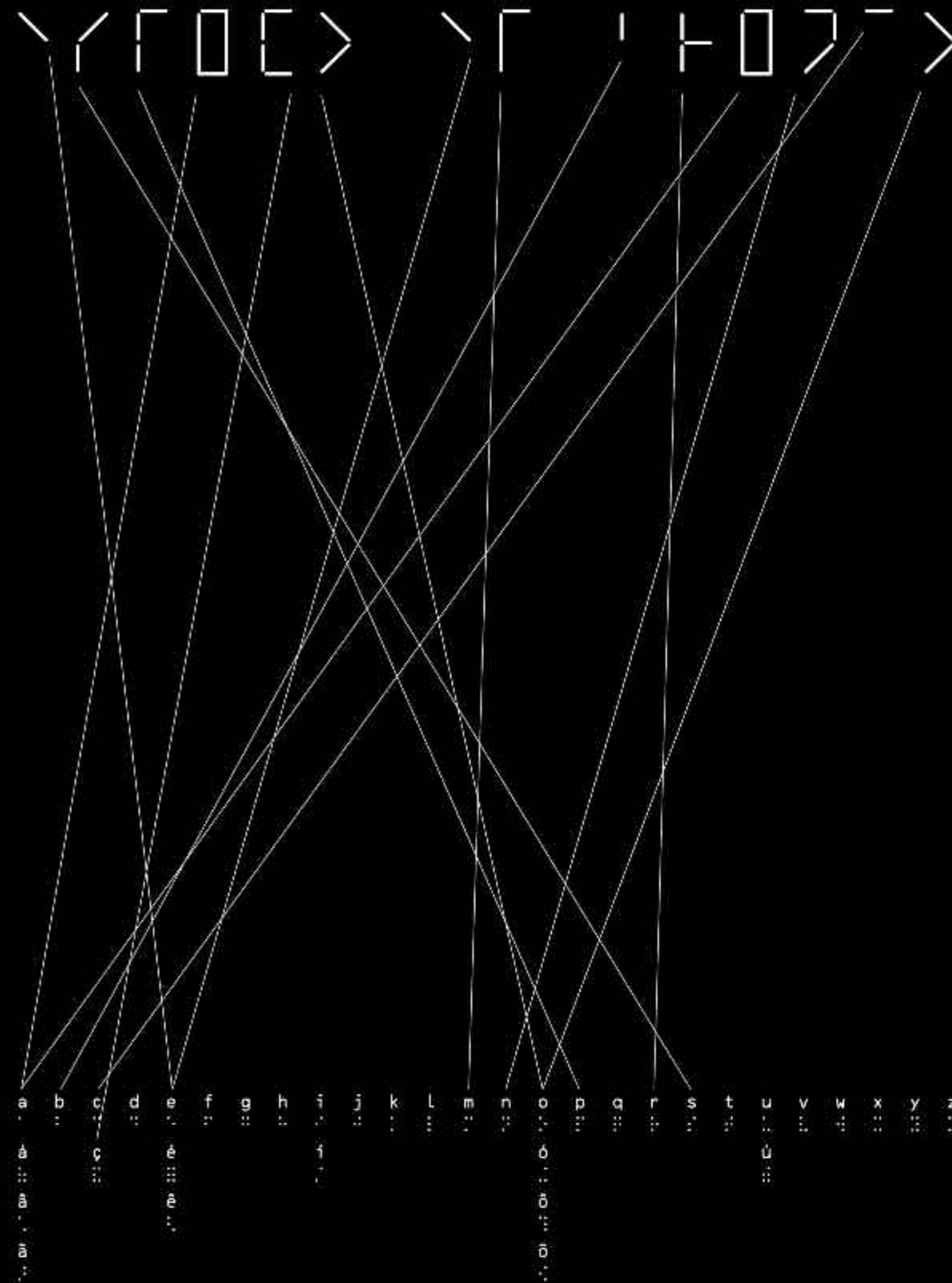
Que olhos lêem (vêem) que texto? Lemos ou apenas tateamos o mundo? A obra *Braile Ligado* configura-se como uma tipografia grafada com a luz a partir da escritura em braille.

O vídeo *Flatland* nos proporciona uma viagem de barco no delta do rio Mekong, Vietnã. A paisagem se revela lentamente na margem do rio planificada, estendida e fatiada em colunas de *pixels*. Somos tomados por música, vozes e sons de um rádio fora de sintonia.

Mover o mapa. No mundo não há mais lugar. As ideologias dissolvem-se nos frágeis limites do pensamento. Por meio de um gesto simples, utilizando um programa de edição de texto, o mundo alinha-se à esquerda, à direita ou ao centro? Fina ironia apresentada no vídeo *O Mundo Justificado...*

Montar, desmontar, realinhar, olhar sob outro ponto de vista, desconfigurar, escrever, ler... afinal, que olhos vêem que mundo? Que olhos lêem que texto?

MARCONI DRUMMOND (Curador)  
FABÍOLA MOULIN (Coordenadora de Artes Visuais)





Angela DETANICO, Rafael LAIN

Caxias do Sul, Brasil, 1974 e 1973

Trabalham e vivem entre São Paulo, Brasil e Paris, França.

Em 2004 receberam o prêmio *Nam June Paik Award* (Alemanha).

Realizaram as seguintes exposições individuais: *Jeu de Paume*, "25/24", (Paris, França, 2008), *52. Bienal de Veneza - Pavilhão Brasileiro* (Veneza, Itália, 2007), Musée Zadkine, "Inverse Times" (Paris, França, 2007), MAMAM - Museu de Arte Moderna Aloísio Magalhães "Novas Utopias", (Recife, Brasil, 2007), Optica, "Detanico, Lain" (Montreal, Canadá, 2007), Pharos Centre for Contemporary Art, "After Utopia" (Nicosia, Chipre, 2006). Dentre as inúmeras exposições coletivas realizadas destacam-se Namura Art Meeting, "Weightless Days" (Osaka, Japão, 2007), *Encuentro Internacional Medellín 07* (Medellín, Colômbia, 2007), *Luz ao Sul - São Paulo/Valencia Biennial* (Valencia, Espanha, 2007), *Echigo-Tsumari Art Triennial* (Echigo-Tsumari, Japão, 2006), *27ª Bienal de São Paulo* (São Paulo, Brasil, 2006), *PhotoEspania* (Madri, Espanha, 2006), ICC, "Open Nature" (Tokyo, Japão, 2005), Württembergischer Kunstverein, "On Difference #1" (Stuttgart, Alemanha, 2005), Malba - Museu de Arte Latinoamericano de Buenos Aires, "Subversiones diarias" (Buenos Aires, Argentina, 2005), Seoul Museum of Art, "3rd Media\_City\_Seoul" (Seul, Coreia do Sul, 2004), *9ª Mostra Internazionale di Architettura* (Veneza, Itália, 2004), *26ª Bienal de São Paulo* (São Paulo, Brasil, 2004), Palais de Tokyo, "GNS/Le Pavillon" (Paris, França, 2003), Galeria Vermelho, "Modos de Usar" (São Paulo, Brasil, 2003). Participam de vários programas de bolsas e residências entre os quais *XXèmes Ateliers du Frac des Pays de la Loire* (Carquefou, França, 2006), *La Ferme du Buisson* (Noisiel, França, 2006), *Le Pavillon/Palais de Tokyo* (Paris, França, 2002-2003). Apresentaram concertos, performances e mostras de vídeo em vários países tais como França, Japão, Suécia, Uruguai, Espanha e Brasil. Desde 2001 assinam a identidade visual do Videobrasil onde participaram como artistas em várias edições.

[www.detanicolain.com](http://www.detanicolain.com)

Projeto Arte Contemporânea  
De 30 de março a 25 de maio de 2008 / Salão Nobre

p 2 UM DADO TEMPO  
diagramas

p 3 UM DADO LUGAR  
pintura eletrostática e vinil sobre metal  
(detalhe) esquema de orientação das placas  
2008

p 5 UM DADO TEMPO  
aço inox, vinil adesivo e relógios  
2008

p 6 ZULU TIME  
tipografia

p 7 ZULU TIME (UM DADO TEMPO UM DADO LUGAR)  
25 normógrafos de acrílico recortados a laser  
2008

p 7 UM DADO TEMPO  
nanquim sobre papel  
2008

p 7 UM DADO LUGAR  
nanquim sobre papel  
2008

p 7 THE NEW AMERICAN PRACTICAL NAVIGATOR  
Nathaniel Bowditch, 1802, folha de rosto do manual de navegação

p 8 MARÉ (UM OUTRO UM APÓS O OUTRO EM MEIO  
À SUCESSÃO DE INSTANTES ACUMULADOS)  
diagrama

p 9/11/14 MARÉ (UM OUTRO UM APÓS O OUTRO EM MEIO  
À SUCESSÃO DE INSTANTES ACUMULADOS)  
plotagem em vinil adesivo sobre vidro  
2008

capa, p 10/11 MOTIVO DE DESORIENTAÇÃO  
serigrafia sobre carpete  
2008

p 12 BRAILE LIGADO (ESPAÇO EM BRANCO)  
lâmpadas fluorescentes  
2008

p 13 BRAILE LIGADO  
diagrama

O MUNDO JUSTIFICADO, ALINHADO À ESQUERDA,  
CENTRALIZADO, ALINHADO À DIREITA  
animação, 1' 25"  
2004

FLATLAND  
animação, 7' 36"  
2003

AS 10 ESTRELAS MAIS BRILHANTES  
animação, 3'04"  
2007

Prefeitura Municipal de Belo Horizonte  
PREFEITO  
Fernando Damata Pimentel

Fundação Municipal de Cultura  
PRESIDENTE  
Maria Antonieta Antunes Cunha

Museu de Arte da Pampulha  
DIRETORA  
Priscila Freire

CURADOR  
Marconi Drummond

Associação de Amigos do Museu de Arte da Pampulha  
PRESIDENTE  
Vera Lúcia de Carvalho Casa Nova

SUPERINTENDENTE  
Rosa Maria da Lomba

CATÁLOGO  
Este catálogo foi lançado no dia 7 de maio de 2008,  
tiragem de 1000 exemplares.

TEXTO  
Renata Marquez

PROJETO GRÁFICO  
Marconi Drummond

FOTOGRAFIA  
Miguel Aun exceto página 9 (Rafael Lain)

REVISÃO  
Roberto Arreguy

COORDENAÇÃO  
Assessoria de Comunicação da Fundação  
Municipal de Cultura

SUPERVISÃO  
Assessoria de Comunicação da Prefeitura  
Municipal de Belo Horizonte

MUSEU DE ARTE DA PAMPULHA  
Av. Dr. Otacilio Negrão de Lima 16585  
Belo Horizonte MG 31365450 Brasil  
T + 55 31 32777946 | map@pbh.gov.br

amap

map

CULTURA  
FUNDAÇÃO MUNICIPAL

PREFEITURA BH  
SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA



